



A Casa de Alice (Chico Teixeira, 2006)

A casa de Alice e a representação de uma classe sem histórias

Eduardo Resing¹

Bacharel em Cinema e Animação - UFPEL

O cinema brasileiro vem há algum tempo se diversificando de uma forma provavelmente inédita em toda a sua história. Já tivemos momentos importantes como a Belle Époque e o Cinema Novo; já presenciamos uma retomada, depois de alguns anos de uma produção cinematográfica praticamente nula, mas só agora, nesse período que pode ser chamado de pós-retomada², o cinema feito no Brasil parece ter uma multiplicidade de identidades, no sentido de não se fazer um único cinema, como já se viu acontecer.

Há hoje tanto o espaço para as produções mais comerciais da Globo Filmes, como para os filmes de novos realizadores, de uma leva que vem da realização de curtas-metragens ou que acaba de se formar em uma das jovens faculdades de cinema do país. Também ainda se vêem produções regionais, experimentais, e de gente que já carrega em seu nome algum reconhecimento.

O que ainda pouco se vê em meio a todo esse conglomerado de diferentes cenários, paisagens e culturas, é a representação de uma classe média que se apresenta hoje não só como a maioria da população do país³, mas também como boa parte do público frequentador de salas de cinema.

Esse público acaba nunca se vendo na tela quando vai assistir a um filme brasileiro, o que deveria naturalmente acontecer. De todos os

1 - eresing@gmail.com

2 - Segundo o crítico e autor Luiz Zanin Oricchio, em *Cinema De Novo - Um Balanço Crítico Da Retomada* (2003), *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, seria o marco final do período de retomada do cinema brasileiro.

3 - Em pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas em 05/08/2008, a classe média brasileira (com renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591) reuniu 51,89% da população em 2008.

últimos grandes sucessos do cinema brasileiro, nenhum representa essa classe média trabalhadora dominante. Em *Dois filhos de Francisco* (Breno Silveira, 2005) vê-se um Brasil rural e pobre, em *Se eu fosse você* (Daniel Filho, 2006), surge a estética padrão das novelas da Rede Globo, na tentativa de representação de uma classe alta urbana, em *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002) e *Tropa de elite* (José Padilha, 2007), existe quase a criação de um gênero próprio do nosso cinema – que acabou tornando-se também muito popular no exterior –, assim como em *Lisbela e o prisioneiro* ou *O Auto da compadecida* (ambos de Guel Arraes, 2003 e 2000) que fazem parte de outro gênero próprio já bastante explorado.

Se analisarmos filmes considerados importantes independentemente de sua bilheteria, observaremos mais ou menos o mesmo fenômeno, ou seja, pouco se vê a classe média sendo representada na tela grande do cinema brasileiro. Portanto, *A casa de Alice* (2006), primeiro longa-metragem de ficção do carioca Chico Teixeira, insere-se no contexto do cinema nacional como um objeto estranho, visto que aqui, o diretor legitima essa classe C e se arrisca ao explorar essa família tão comum, com histórias tão parecidas com as da maioria das pessoas que irão assistir ao seu filme.

CONVIDANDO PARA ENTRAR

O filme começa da forma mais simples possível: com a apresentação da casa da Alice do título. A câmera revela primeiramente o quarto da personagem principal, seguido dos quartos dos filhos e da avó, para então mostrar a sala e a cozinha. Logo nesses primeiros planos de introdução – que se repetirão mais tarde em um momento chave do filme – enxerga-se ali um ambiente típico de uma família urbana de classe média de qualquer grande cidade brasileira.

A avó (mãe de Alice) é a primeira a acordar e na varanda lava a roupa de todos os moradores da casa enquanto ouve no rádio o seu programa favorito. Por ali enxerga-se os vizinhos também em suas varandas, caracterizando o espaço como um condomínio comum em um lugar comum.

Vê-se a seguir cenas cotidianas, com personagens fazendo o mesmo que fariam em qualquer dia normal, não há nada fantástico acontecendo, não percebe-se nenhuma grande ação ou grande história iminentes,

não vislumbra-se qualquer grande mudança na vida daquele grupo de personagens recém apresentados ao espectador.

E é exatamente o que acontece. Ou o que não acontece. Apesar da ação presente no filme, nada além de histórias cotidianas, que poderiam ser as mesmas de qualquer um que assiste, é mostrado, ao passo que muita coisa acontece dentro daquela família, mas que talvez para a maioria dos realizadores brasileiros de cinema não seja o suficiente para resultar em um bom filme.

Isso porque tudo é muito comum, muito medíocre, e isso é o que esse espectador não está a fim de pagar para ver. Mas quem disse? Talvez seja exatamente o que esse público um tanto acomodado e acostumado a um determinado tipo de cinema esteja querendo ver e não sabe. O mais fácil parece ser contar histórias baseadas no que está distante, no que é intangível ao público, sustentado naquilo que é garantia de uma falsa satisfação, justo por ser algo novo e algo que não faz parte desse cotidiano chato, onde não acontece nada.

A CÂMERA DISTANTE

A câmera no filme, por diversas vezes atua como um personagem à parte, alguém que parece estar assistindo tudo de fora, isento de qualquer contato com os outros personagens. Ela servirá como a ponte entre aquela família e o espectador.

Em várias cenas, essa câmera introduz a ação através de um distanciamento dela, utilizando um plano afastado por alguns segundos, como se quisesse deixar um tempo para que aquilo que está prestes a acontecer seja pré-julgado e então o “juiz”, aqui representado pelo espectador, seja desmentido ou legitimado.

Há sempre esse obstáculo entre a câmera e a ação. Como se uma espécie de *voyeur* estivesse escondido atrás da porta do quarto ou atrás do balcão do bar. Esse *voyeur* persegue Alice e sua família durante todo o filme e vê no comportamento deles muitas falhas, mas logo em seguida percebe que aquilo já aconteceu com um parente próximo, um amigo, um conhecido ou com ele próprio.

Não é a câmera que julga aqui, tampouco o diretor, que parece filmar com um certo distanciamento tudo aquilo; ele passa adiante, consegue fazer com que o espectador julgue por ele, o que acaba



sendo um dos grandes êxitos do filme.

OS PERSONAGENS E CONFLITOS

Os personagens são todos muito bem delineados. Eles têm vida própria, um não está em função do outro, ou seja, um não existe apenas para justificar tal ação do outro. Alice é o centro, é o que une todos eles, mas os outros personagens seguem seu caminho e tem suas vontades.

Há o filho mais velho se prostituindo, o mais novo descobrindo a sexualidade e o outro cometendo pequenos furtos. Há também o pai traindo a mãe e a mãe traindo o pai. E no meio de tudo isso, está a avó, que ao mesmo tempo em que parece viver em um mundo isolado – sonhando com o locutor do programa de rádio, falando quase só o necessário – está atenta observando tudo à sua volta, não há nada acontecendo na casa de Alice que ela não saiba. Mas com a experiência de alguém que já viveu bem mais do que todos naquela casa, ela espera que o tempo fale por ela.

Quando no final, ela é levada para um asilo – e lá acaba conseguindo realizar um sonho antigo –, ela está só mais uma vez escolhendo a experiência, mas ao mesmo tempo, firmando-se como o último grau da hierarquia daquela família, mesmo que não seja assim para ela, que parece ser a personagem mais sã de todos. E é nesse momento que acontece a ligação com os mesmo planos apresentados no início do filme, que servirão para escancarar tudo o que era tão difícil de enxergar para os outros personagens: a avó é importante na vida deles, mesmo que seja para deixar tudo em ordem; é como se a ausência dela desequilibrasse a família inteira.

Como nos filmes de Buñuel – mesmo que aqui ocorra em uma classe social diferente e sem um propósito de exposição – as cenas de refeição se repetem algumas vezes e se mostram fundamentais. Ora para reforçar a idéia de cotidiano (o pote de margarina no final, o mamão como motivo de discussão), ora para evidenciar quem é quem ou quem tem poder sobre quem dentro de casa. A avó serve os netos, que serve a mãe, que serve o pai. Não haveria metáfora melhor para evidenciar a hierarquia formada ali.

OS DETALHES

Sendo um filme baseado no cotidiano, é natural que o diretor tenha escolhido trabalhar com muitos detalhes, alguns quase imperceptíveis, criando diferentes camadas de percepção, que contribuem para que uma segunda vez em que o filme seja visto seja tão rica quanto à primeira.

O som no filme é um exemplo. Há dois sons constantes em *A casa de Alice*: o som do trânsito e o som da televisão. Esses dois “ruidos” passam quase despercebidos aos ouvidos dos espectadores, talvez por estes estarem também acostumados a sons tão corriqueiros. A televisão às vezes está ligada apenas como se fosse uma espécie de companhia para quem está sentado no sofá da sala. O personagem olha para a tela, mas ao ser questionado sobre o que está vendo, não sabe responder.

Os objetos também parecem ter papel importante na narrativa de Chico Teixeira. A corrente que Alice ganha do amante vai resultar em reações diferentes de cada personagem, refletindo inconscientemente o que estes pensam sobre ela. A carteira do pai está sempre perdida e é nela que alguns segredos seus estão guardados.

CONCLUSÃO

Em meio a essa crescente diversidade que o cinema brasileiro presencia, ainda existem poucas obras simples e eficazes como *A casa de Alice*. E elas são importantes para que o cinema sirva também como registro de um tempo, uma das suas funções mais primárias.

A capacidade de dizer muito com pouco é rara, extrair uma boa história de uma família tão comum como a apresentada no filme é tarefa difícil, mas às vezes é preciso tomar o risco. Dessa forma, produções como esta podem surgir, com uma identidade própria, sem a necessidade de buscar em cinemas estrangeiros uma maneira de se filmar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORICCHIO, Luiz Zanin. Cinema de Novo – Um Balanço Crítico da Retomada. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003. A CASA DE ALICE. Chico Teixeira. Brasil. 2006. filme 35mm.

